

**CHARGES DE MENSALÃO: UMA ABORDAGEM DISCURSIVA**

**AZEVEDO**, Jacqueline de Jesus.

[jaquinaazevedo@bol.com.br](mailto:jaquinaazevedo@bol.com.br)

**AMBRASEVICÍUS**, Margarida Maria Almeida.

[Valmar@infonet.com.br](mailto:Valmar@infonet.com.br)

## RESUMO

O artigo Charges de Mensalão desenvolve em seu conteúdo uma abordagem concernente ao discurso político presente em algumas charges publicadas em jornais impressos, entre os meses de maio e julho do ano 2005, no governo do presidente Lula sobre as denúncias das mesadas que eram pagas a parlamentares para o patrocínio das campanhas políticas. Através do dispositivo de análise da Análise do Discurso da vertente francesa foi possível detectar as formações discursivas e as ideologias perpassadas nas charges, e suas influências para os interlocutores. Devido a sua classificação humorística, traçou-se um paralelo entre as concepções da Análise do Discurso e as influências do humor para a construção de opinião e crítica política. Através dessas relações entre o discurso político e humorístico através da materialidade lingüística e histórica presentes, desenvolveu -se a análise das charges delimitadas, evidenciando os aspectos determinantes para a formação do cômico e dos implícitos. Por fim, há a condensação das conclusões em virtude dos objetivos traçados para o desenvolvimento da pesquisa, de forma que confluem para a obtenção do objetivo geral, que é a identificação dos discursos e sua influência sociocultural.

## **CHARGES DE MENSALÃO: UMA ABORDAGEM DISCURSIVA**

O presente artigo trás uma abordagem significativa sobre o discurso existente nas charges veiculadas em jornais nacionais brasileiros, sobre a crise que assolou o governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva no ano de 2005, esta crise recebeu o logotipo de “Crise do Mensalão”. Esse estudo está baseado nos critérios analíticos da Análise do Discurso Francesa, sendo necessário o desvencilhamento conceitual e conteudístico da matéria, desencadeando por fim, na análise de corpus das charges escolhidas.

Tal abordagem possui como objetivo geral, perceber quais os discursos existentes nas charges delimitadas e sua influência sócio-cultural, relacionando o objeto de estudo ( as charges) ao conteúdo da Análise do Discurso. A partir daí, serão alcançados os objetivos concernentes ao objetivo geral, como verificar a formação discursiva, a presença do locutor, etc.

Esse trabalho de pesquisa envolve aspectos relevantes quanto à utilização da mídia para a formação ideológica do indivíduo, pois mostra o usufruto de implícitos, que podem mascarar uma simples charge. A importância de tal pesquisa ocasiona-se por tratar-se de um objeto de estudo acessível a pessoas de diversas classes sociais, fato que facilita a compreensão e aumenta o interesse, embora o trato com implícitos torne o trabalho dificultoso. O estudo mais detalhado dos implícitos existentes em charges, investiga como se dá o processo de formação de opinião e a que a ironia presente se refere.

À medida que a pesquisa foi sendo feita, procurou-se responder à algumas questões que permeiam o objeto de estudo. A primeira questão colocada refere-se à crescente utilização de charges como crítica política, fato esse que necessita de um maior aprofundamento teórico. Em seguida, questiona-se o porquê da relação existente entre a

Análise de Discurso e o objeto de estudo. E por fim, como se dá o processo de formação dos implícitos, a partir de um determinado ponto de vista.

A Análise de Discurso surgiu no início dos anos 60, do século XX, tendo como unidade de estudo o discurso. Essa disciplina não preocupa-se necessariamente com a língua em sua forma abstrata, e sim com o homem falando, o homem que está inserido em uma sociedade e que através da fala expressa várias maneiras de significar. É decorrente dessa visão que para os analistas de discursos, o discurso passa a absorver um conceito mais amplo ao que é atribuído ao texto. Se é percebido que o texto seria um aglomerado de frases expressando um único sentido, o discurso verifica como o texto tem significado, como faz sentido. Daí, pôde se comparar a palavra discurso ao curso de um rio, o discurso é a palavra em movimento.

Partindo da idéia de discurso, percebe-se que a Análise de Discurso necessita de três disciplinas para desenvolver esse amplo conceito: a Linguística, a História, e a Psicanálise. Estas disciplinas contribuem para a afirmação da não transparência da linguagem, sendo que a Linguística mostra que a relação linguagem /pensamento /mundo não possui apenas um lado, ou seja, não pode ser apenas analisada termo a termo, já a História, mostra que existe um real na superfície material do texto. A contribuição da Psicanálise se dá pela passagem da posição autor para a posição sujeito, e a forma como trabalha a ideologia relacionando-a com o inconsciente. Desta forma a Análise trabalha na junção dessas três áreas do conhecimento afetando diretamente o novo objeto de estudo que seria o discurso.

Então, verifica-se que a noção de linguagem concebida pela Análise de Discurso revela a marca social e histórica que o texto significa, retratando o ato da fala como um ato social e que implica em conflitos, relações de poder, reconhecimentos, e

constituição de identidades. Para que seja compreendida essa concepção de linguagem necessário se faz que diferencie-se texto e discurso. Segundo Orlandi (1988,p. 59 ) :

A relação texto e discurso não é biunívoca. Por outro lado, o texto é unidade de análise , mas não é unidade de construção de discurso. Nem por isso deixa de ser um conceito mediador imprescindível : a unidade de construção do discurso é o enunciado, mas ele tem de ser referido ao texto para poder ser apreendido no processo de construção do discurso.

O autor trata o texto como unidade de análise, pois na materialidade textual serão fornecidos os dados necessários para a produção de sentidos, o analista de discurso não se interessa tanto pelo que o texto diz ou mostra, mas como diz e por que diz. Na visão de Pinto( 2002, p. 26 ), o analista de discursos é uma espécie de detetive sócio-cultural. Sua prática é primordialmente procurar e investigar vestígios que permitam a contextualização.

De acordo com o que já foi explanado, pode-se definir o discurso como uma prática social existente entre interlocutores, que relaciona a linguagem verbal e outras semióticas. As charges, objeto de estudo deste artigo, acolhem em sua materialidade, tanto o verbal quanto o não verbal, de modo que ambos confluem para que haja um resultado satisfatório quanto à mensagem a ser transmitida. Apesar de existir essa confluência, nem sempre a imagem expressa concordará ou será correlacionada ao conteúdo verbal da charge. É possível também, que ocorra o silêncio da caricatura, provocado justamente pela presença do texto escrito, pois é percebido que este costuma ser supervalorizado.

A questão do silêncio na Análise de Discurso é tratada como uma das formas do não dizer que foi desenvolvida por O. Ducrot (apud Orlandi, 2002), que explicita o fato de que em todo o dizer há um não-dizer e este possui grande influência para a construção do sentido. É preciso fazer a distinção entre as formas do não-dizer: pressuposto,

subentendido e silêncio. O pressuposto está diretamente relacionado à linguagem, uma vez que há na materialidade lingüística subsídios para o entendimento, já o subentendido, relaciona-se ao contexto. O silêncio, outra forma de não-dito, apresenta-se como a respiração da significação, indicando que o sentido apresentado pode ser outro. Existem dois tipos de silêncio, o silêncio fundador e o silenciamento, este divide-se em silêncio constitutivo, uma palavra silencia outra, e o silêncio local representado pela censura.

As formas de não-dizer necessitam de algumas noções que a elas são de suma importância: o interdiscurso, a ideologia, e a formação discursiva. O interdiscurso relaciona-se diretamente à memória discursiva e envolve o contexto sócio-histórico, e ideológico. Segundo a autora (idem 2002, p.31):

É o que chamamos memória discursiva : o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do preconstruído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada.

A noção de ideologia diferencia-se entre os pensadores. Para Karl Marx (apud Nagamine,1995) , a ideologia é uma ilusão criada pela classe dominante para difundir os seus pensamentos. Em Althusser (apud ibidem), a ideologia possui uma concepção imaginária das condições de existência humana, mas é material pois se realiza em atos concretos, moldando as ações humanas, e por fim a ideologia interpola os indivíduos em sujeito. Ainda para a autora (ibidem , p.48) :

A ideologia, por sua vez, nesse modo de a conceber, não é vista como conjunto de representações, como visão de mundo ou como ocultação da realidade. Não há aliás realidade sem ideologia. Enquanto prática significativa, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido.

A formação discursiva é, enfim, o lugar da constituição do sentido e da identificação do sujeito. É nela que todo sujeito se reconhece (em sua relação consigo mesmo e com os outros sujeitos) e aí está a condição do consenso intersubjetivo.

Inserida nesses aspectos da Análise de Discursos encontra-se a temática do humor, devido à sua forma de construção e crítica à sociedade. O humor apresenta-se sob a forma de piadas, paródias, charges, etc, sempre fundamentada no erro, visto que o ser humano sorri de situações inusitadas, como exemplo a simples queda de uma pessoa. Na verdade, o riso é ocasionado de uma situação irregular, ou seja, uma situação não usual. Além dessas situações, os chistes tratam de questões raciais, culturais e políticas. O objeto de estudo deste artigo apresenta em sua materialidade, críticas ao governo do presidente Lula, como já foi dito no início do trabalho. A utilização de uma forma de humor para a crítica política, não é meramente uma questão de escolha e sim uma forma simplória de persuasão, que é feita de maneira sutil e prazerosa.

O humor já era utilizado desde a época dos primeiros filósofos, que já traçavam algumas posições sobre o riso e o cômico. Como se observa o humor não é algo recente, ele era trabalhado e utilizado há muito tempo. Apesar de ter uma aparência inofensiva, é preciso que o interlocutor possua um raciocínio lógico associativo para compreender qual é o significado do chiste e então, sorrir. A partir de Sigmund Freud, foi intensificado o estudo dos chistes e o prazer que este proporciona. A comicidade está dividida em seis categorias: sátira-zombaria, caricatura, condensação, uso múltiplo do mesmo material, duplo sentido, e o sentido absurdo (nonsense).

Como já foi mencionado acima, a provocação do riso só acontece quando existe uma compreensão por parte do interlocutor. Antes, porém, que isso ocorra, o autor desenvolve no texto mecanismos enunciativos para gerar tal consequência, e estes

apresentam-se sob a forma de metáforas e fatores que particularizam o discurso jornalístico gerando uma argumentação indireta contra algum alvo. Mas esses mecanismos podem instaurar uma ambiguidade no discurso que relativiza o fato de que o jornal impresso utiliza a linguagem referencial e objetiva. Tal objetividade é substituída por concepções dualistas que influenciam na receptividade do discurso provocando diferentes formas de apreensão culminando na forma ideológica proposta pelo autor.

O contexto em que o texto humorístico está envolvido é entendido como sinal enunciativo, pois evidencia fatores extratextuais imprescindíveis para o auxílio da compreensão, pois os sentidos não estão só no plano linguístico e sim na relação destes com a exterioridade. Na visão de Brait (1996,p.59) :

Os sinais contextuais, portanto de ordem enunciativa promovem no plano da significação uma cumplicidade entre o enuncador e enunciatário, de tal modo que imediatamente o leitor pode compreender que aquilo que o locutor assume e enuncia como fato é a tradução de um desejo coletivo e não de uma realidade. Daí o efeito de humor.

Por isso é que os sinais contextuais são de muita importância para a produção do efeito de humor. Dentre os sinais contextuais podemos encontrar também a estratégia irônica como elemento estruturador do texto humorístico de ordem jornalística. No livro intitulado *Ironia em perspectiva polifônica*, a autora (ibidem), utiliza-se das definições de ironia utilizadas por Lausberg (1969), que a define sob duas perspectivas : ironia retórica e ironia tática. Segundo o autor, a ironia retórica é a utilização , por parte de um locutor, de um vocabulário impregnado de um sentido oposto ao seu sentido próprio; e a ironia tática a continuidade através do pensamento que se quer fazer entender por um outro contrário.

Desta forma, a ironia pode estar também presente em um texto com a linguagem tipicamente referencial, no caso específico do texto jornalístico, implicando em dois níveis



de significação, a partir das perspectivas de ironia dadas acima. Na verdade, a ironia é percebida como um engano que está definido de maneira direta para que o interlocutor perceba, diferenciando-se assim da mentira, pois esta coloca-se como verdade.

De acordo com o que foi visto, a ironia não está explícita somente no plano frasal, ela se manifesta através do pensamento e através de formas visuais e para que isso aconteça é necessário que o enunciatário se dê conta das articulações que o envolvem, pois a significação ocorre num dialogismo entre o enunciador e enunciatário. Segundo a autora (ibidem,p.65 ) :

De maneira bastante genérica, pode-se dizer que a transposição se dá a medida em que o enunciado, independentemente de sua extensão, será observado através das marcas que aí estão assinaladas, produtos de um processo que envolve as relações dialógicas necessariamente existentes entre a instância da produção e a instância da recepção, o que significa considerar no mínimo dois agentes responsáveis pela significação :enunciador e enunciatário.

Então o processo de significação inicia-se no momento de produção e finaliza-se no momento da recepção, sendo de primordial importância os enunciadores deste processo. O jornal impresso possui particularidades que colaboram para a ironia, pois ambas as linguagens utilizadas (verbal e visual ) provocam a interpenetração e ação conjunta. As charges, especificamente, ao utilizarem-se tanto do verbal quanto do visual, exigem do enunciatário uma maior atenção para a relação existente entre elas e o que há de implícito nesta interação. É importante, nesse caso , constatar que o humor não se relaciona aos aspectos factuais, mas sim, quanto à construção da linguagem, como é construída a transmissão do fato.

Dando prosseguimento ao processo de construção para a transmissão do fato, nota-se a importância da paráfrase e polissemia, visto que estas explicitam os movimentos realizados pela linguagem. Todo o dizer está baseado em outro dizer que está esquecido em nossa memória, ou seja, naquilo que é falado existe algo que permanece, ao passo que, à medida em que existe o diferente, o novo. Então, percebe-se que na linguagem existem processos em que há a retomada e a construção provocando a significação. Nesses processos de paráfrase e polissemia há a constituição dos sujeitos e dos sentidos, e concluir-se que os sentidos e os sujeitos podem ser outros.

Foi dito que a paráfrase seria a retomada, e a polissemia, o novo, então, pode-se relacionar diretamente a primeira à história, ou seja, o modo como os sujeitos estão inscritos na história; e a segunda, à criatividade. Orlandi (2002, p.34) diz que “a criatividade implica na ruptura do processo de produção da linguagem, fazendo intervir o diferente”. Percebe-se, então, que há no dizer um jogo entre o já dito e esquecido, e a construção do novo, o diferente, e é nesse jogo que é estabelecido o discurso. A autora afirma ainda que (ibidem, p.38) :

A paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo, e a polissemia é a fonte da linguagem uma vez que ela é a própria condição de existência dos discursos, pois se os sentidos – e os sujeitos – não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer.

Baseado no que a autora disse acima, mostra-se que todo dizer está impregnado pela ideologia que é perpassada nos discursos e está impregnado pelas relações de poder, evidenciado sempre, o pensamento de uma minoria elitizada e dominadora. Na análise do objeto de estudo deste artigo será possível confrontar o dito com o não dito, o velho e o novo, estabelecidos pelos processos de paráfrase e polissemia interligando-os à questão

humorística tratada acima. Ao perceber-se esta relação pode-se verificar a presença da História quanto à política e ao conteúdo das charges e, a criatividade atrelada ao cômico e à crítica política.

Nessa discursão sobre a origem do sentido que é estabelecida no jogo entre paráfrase e polissemia surge a necessidade de tratar a respeito do efeito de sentido, destacando os chistes como objeto de utilização. O efeito de sentido nada mais é do que a reação consequente da posição que os enunciados recebem, por isso o sentido é o efeito de muitas palavras relacionadas à metáfora. Segundo Possenti (2002, p. 183), “um chiste só faz sentido em relação a outros sentidos, ou que é mais ou menos a mesma coisa, em relação a outros discursos”. A situação do riso ocasiona-se devido às diferenças sociais existentes, de modo que estas são conhecidas de todos, daí o efeito do riso. Afirmando que as piadas devem estar inscritas em um discurso, o autor fortalece a hipótese de que as piadas não produzem discursos novos- eventualmente, nova é a forma, novo é o gênero, mas não o discurso.

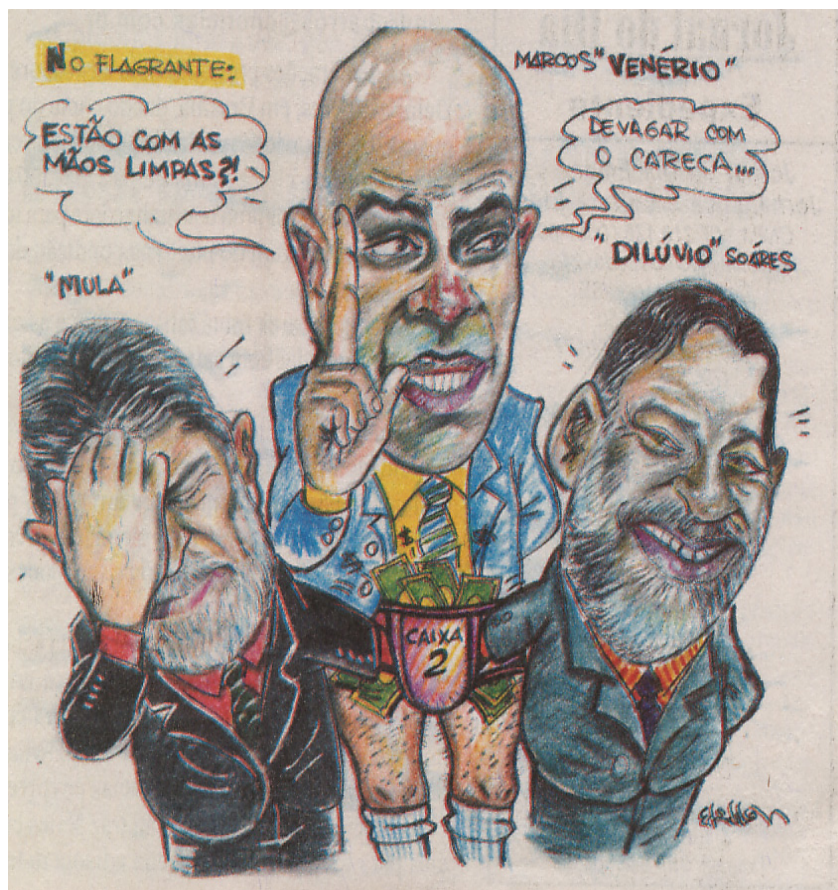
Então é possível firmar a idéia do discurso como uma prática social e histórica que vive disputas de sentidos, materializado na utilização de umas palavras por outras. Essas disputas de sentidos estão sendo utilizadas de forma crescente na política, pois candidatos optam pelo recurso do humor para criticar o seu opositor, apresentando defeitos, falhas e contradições.

As crises políticas, também são alvos dos humoristas para atacar e agravar a situação do candidato de oposição, e também servem para atenuar momentos de crise no governo. As críticas humorísticas acompanham os acontecimentos políticos como um canal para reverberar a indignação popular contra a corrupção dos governantes. É até possível afirmar que a prática humorística revela o nível de liberdade de expressão de uma sociedade por que esta faz-se de maneira livre e direta.

Antes de fazer a análise das charges , necessário se faz que haja um breve relato sobre o momento histórico que as envolve.As charges escolhidas foram produzidas no período entre maio e julho de 2005, no momento em que dava início uma crise política no governo do presidente Lula, devido à denúncia de corrupção nos Correios, tendo como protagonista o presidente do PTB, Roberto Jefferson. A crise, denominada “crise do mensalão”, cujo nome origina-se de mesadas que os deputados extorquiam de estatais para o financiamento de campanhas políticas, teve uma grande repercussão nacional pois envolveu também líderes do governo federal.

Para controlar a situação governo utilizava um discurso no qual seria intransigente para com os que forem encontrados em situação irregular, porém temia a instauração de uma CPI ( Comissão Parlamentar de Inquérito ). Após várias tentativas para a não instauração da CPI, com a assinatura de 236 deputados e 14 senadores a CPI foi aprovada. Os motivos elencados pelo governo para que a CPI não acontecesse, baseavam-se no fato de que seria um golpe dos elitistas que não se conformavam com um operário na presidência da república. O deputado Roberto Jefferson em uma entrevista denunciou que o tesoureiro do PT ( Partido dos Trabalhadores ) , Delúbio Soares, pagava uma mesada de 30 000 reais aos deputados do PP e do PL, a partir daí o nome, a ética, e a confiabilidade do governo começam a balançar e, a crise a agravar-se. A denúncia da existência do mensalão tornou-se um enorme desastre para o PT, pois isso colocara em dúvida os padrões morais e éticos que são tão difundidos por esse partido.

As análises que se seguem, não são as únicas que podem ser feitas, e portanto estão abertas a outras possíveis leituras.



JORNAL DO DIA, ANO 1 Nº156, 20 de julho de 2005

Na charge acima apresentada pode-se perceber de forma clara a utilização de caricaturas, ou seja, a utilização de figuras políticas de forma cômica com o exagero de pormenores. A figura mostra à direita o tesoureiro do PT, Delúbio Soares, no centro o empresário Marcos Valério, e à esquerda o presidente Lula. Analisando inicialmente o conteúdo discursivo expresso através da linguagem verbal, percebe-se que o autor faz um jogo entre os nomes e sobrenomes dos políticos relacionando-os a uma memória discursiva diferente. Quando refere-se a Delúbio Soares, ele re-define o seu nome para “Dilúvio Soares”, remetendo o interlocutor ao discurso fundador do dilúvio citado no livro bíblico do Gênesis. O sentido histórico do dilúvio está atrelado à destruição da espécie humana devido à crescente maldade que cometia, e além disso a palavra “dilúvio” relaciona-se com tempestades, pois na história bíblica esse foi o método utilizado por Deus para destruir a

humanidade. Delúbio Soares seria , segundo a charge, um dos causadores das tempestades advindas ao governo federal. O “Marcos Venéreo”, recebe o sobrenome relativo a uma doença contagiosa que é adquirida através da relação sexual. O discurso apresentado pelo “Venéreo” seria o de autoridade, visto que fala de maneira incisiva mostrando está com a razão. O nome Lula, com a simples mudança do “L” pelo “M”além de provocar o riso, trouxe concepções aparentemente negativas para o presidente.

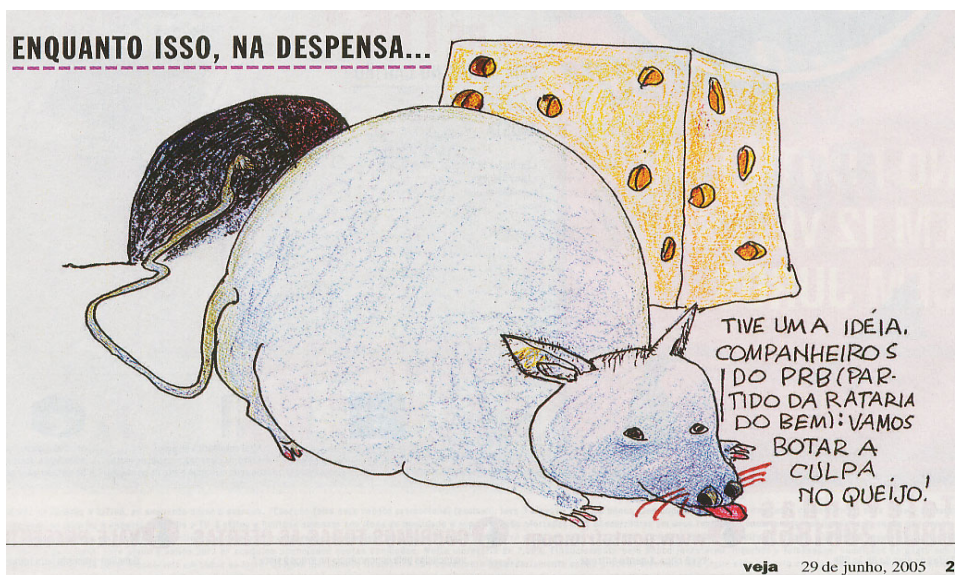
A forma como foi disposta a figura, as expressões caricaturais , produzem no interlocutor um sentimento de inocência por parte do presidente Lula. A imagem do “Mula” com a mão na cabeça, imbuído de tristeza e um certo arrependimento, em contrapartida às imagens do “Venéreo e Dilúvio” que sorriam, encaminham o interlocutor para a total apatia e desconhecimento do presidente, como também para a sua total inocência. Tal expressão direciona o interlocutor para o discurso de que o presidente da república é apenas uma vítima dos acontecimentos e o último a saber das corrupções existentes em seu governo.





O dispositivo de análise da Análise do Discurso favorece o reconhecimento dos implícitos. Na charge acima apresentada, percebe-se que os políticos brasileiros estão envoltos em uma larva, porém verifica-se que esta possui uma cor escura assemelhando-se à lama, denotando que os políticos estão na sujeira, na desonestidade. A corrupção brasileira entrou em erupção durante a crise do mensalão e todos estão envolvidos, inclusive o presidente Lula. A letra da música que aparece reflete a formação ideológica de que todos os políticos são corruptos e que a corrupção brasileira é uma das causas da desigualdade social. A formação discursiva retrata a voz da população que está desacreditada da existência de um partido ou de um político honesto; e da oposição ao PT, pois simula a inclusão do presidente Lula como participante voraz da corrupção.

A crise do mensalão veio por ratificar a soberania da corrupção, e desmistificar a honra, a ética e a moral do Partido dos Trabalhadores. A forma de persuasão da charge sucumbe a idéia de que seja transparente e livre de influências. A imagem retrata o Brasil, representado pelos líderes governamentais, “descendo “ juntamente com o seu lodo. “Descer”, dirigir-se para um lugar mais baixo, afundar-se, direcionando o interlocutor para a afirmação da impossibilidade de mudança, algo que foi o que movimentou e concretizou a eleição do presidente Lula.



Millôr, um dos mais conhecidos e atuantes chargistas do Brasil, trabalha para a revista *Veja*, e através do desenho e da língua, utiliza o humor para desvendar o que há de oculto em fatos, personagens e ações políticas. Na charge acima apresentada, através da descrição de um ambiente simples e comum, critica de forma intensa a posição do presidente Lula diante dos acontecimentos em seu governo. A abordagem discursiva da charge inicia-se através da denotação temporal “enquanto isso”, direcionando o interlocutor para um aparente descaso do presidente quanto à situação política do país.

Ao designar o lugar em que ocorria a imagem( “na despensa “ ), Millôr trabalha a perspectiva de que a ação presidencial atuava de forma resignada e aculta, a fim de conseguir uma estratégia convincente para sair da crise em que o governo se encontrava. É possível relacionar a imagem do rato à imagem do presidente Lula, através da linguagem que lhe é própria: “Tive uma idéia companheiros”, igualando a presidência a um rato, ou seja, as características que foram atribuídas historicamente ao rato, como por exemplo, o roubo de alimentos.

A sigla PRB (Partido da Rataria do Bem ) designa e confirma a ideologia de que todos os políticos são corruptos, à medida em que mostra a existência de dois partidos de rataria, ou seja, os ratos do bem , e os ratos do mal. As expressões ratos do bem e ratos do mal, ratificam a ideologia acima mencionada e expõe a ideologia de que há uma hierarquia corrupta que perpassa as posições de sujeito, afirmando a existência de que há ratos menos corruptos do que outros, gerando a ilusão de que existe uma diferença substancial entre os políticos.

A solução encontrada pelo líder da “rataria do bem” atribui a culpa da crise ao sistema vigente. É comum ouvir-se o expressão “todos querem uma fatia do queijo “, ou seja, todos querem participar dos lucros, todos querem receber uma parcela da



lucratividade do sistema. Além disso, percebe-se que colocar a culpa no sistema neutraliza a ação das pessoas e justifica a impunidade.

De acordo com o que foi apresentado, pode-se verificar que este artigo desenvolve um trabalho muito importante sobre a utilização do humor como crítica social, através das charges, pois conseguiu-se comprovar a existência de implícitos nas charges sobre a crise do mensalão. Estes implícitos, evidenciam a não transparência da linguagem, e a manipulação da mídia para a obtenção de determinada opinião para o interlocutor.

Foi constatado que através de recursos visuais e linguísticos é possível amenizar ou agravar uma crise política, ou apenas, modificar os padrões estabelecidos pela sociedade. Comprovou-se que as charges apesar de serem apresentadas de forma a transparecer um recurso inofensivo, possuem em sua essência características persuasivas relevantes e sutis que trabalham inconscientemente no interlocutor. Outro fator detectado refere-se ao fato de que o objeto de estudo devido ao seu teor cômico e figurado é atrativo para interlocutores de diversas camadas sociais, trazendo uma ampla repercussão.

A utilização do dispositivo de análise da Análise do Discurso facilitou o esclarecimento dos implícitos, à medida em que forneceu subsídios teóricos e metodológicos para a sua detecção. Através da História, da Psicanálise, e da Linguística contribuiu para a aquisição de um suporte interdisciplinar que assegurou e comprovou os dados subentendidos nas charges.

Então, percebeu-se que as charges de mensalão, conseguiram marcar histórico e socialmente um momento político da sociedade brasileira, de maneira cômica, engraçada, e designaram o ponto de vista de alguns críticos sociais. É interessante ressaltar que há uma participação frequente e crescente do humor como crítica política e como formação de opinião.

REFERÊNCIAS:

- BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.
- BRANDÃO, H.N. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.
- ORLANDI, E. **Discurso e leitura**. São Paulo, Cortez; Campinas: Ed. Unicamp, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas :Ed. Pontes, 4ª edição, 2002.
- PINTO, Milton José. **Comunicação e Discurso**. São Paulo: Ed. Hacker, 2002
- POSSENTI, Sírio. **Os Limites do Discurso**. Curitiba: Criar Edições, 2002.
- REVISTA VEJA. São Paulo: Ed. Abril, 2005.
- SANTANA NETO, João Antônio de (org). **Discursos e Análises: coletânea de trabalhos**. Salvador: Universidade Católica do Salvador, 2003.